

3

O luto e a permanência do outro eu no espaço ficcional: Borges

No texto “La muralla y los libros”, Jorge Luis Borges¹ escreve que:

todas las formas tienen su virtud en sí mismas y no en un ‘contenido’ conjetural; [...] ya Pater (1887) afirmó que todas las artes aspiran a la condición de la música, que no es otra cosa que forma. La música, los estados de felicidad, la mitología, las caras trabajadas por el tiempo, ciertos crepúsculos y ciertos lugares, quieren decirnos algo, o algo dijeron que no hubiéramos debido perder, o están por decir algo; esta inminencia de una revelación, que non se produce, es, quizá, el hecho estético.

Tomando-se conteúdo e forma como constituindo um continuum, podemos dizer que a forma é o aspecto visível do conteúdo, a pele vibrante e tátil das palavras. A expressividade da forma nos permite ler possíveis sentidos presentes nas rugas desenhadas em um rosto. Se este rosto nos fala, o timbre de sua voz, a cadência, o seu fraseado e metáfora, nos ajudam na produção de sentidos que se ampliam e se desdobram. Daí a sensação da iminência de uma revelação que jamais se produz. A sensação de mistérios insondáveis e do sublime é o que nos oferece a prosa poética concisa e direta de Borges. Lendo-o somos transportados para uma nova dimensão de realidade.

Borges² nos conta que certa vez perguntaram a Bernard Shaw se ele acreditava que o Espírito Santo havia escrito a Bíblia. Ele respondeu: “Todo livro que vale a pena reler foi escrito pelo Espírito”. Um livro assim concebido vai além da intenção de seu autor, transcende-o. “A intenção do autor é uma pobre coisa humana, falível, mas no livro tem de haver mais”, o Espírito, o sopro da Divindade que nos revela, através do texto, certos mistérios de nossa natureza profunda e incognoscível. Como se o autor, no instante do transporte criativo, se conectasse com a Palavra, encarnando-a. Nessa circunstância “tudo tem que estar justificado, as letras têm de estar justificadas”, onde nada é casual, absolutamente

¹ Em: Jorge Luis BORGES. *Obras completas*, v. II. Buenos Aires: Emece, 2001, p. 11..

² *Ibid.*, p. 192.

nada. O grande autor, o autor forte, está ligado à sua verdade interior, ao que é imanente à natureza humana, aos seus traços essenciais e universais.

Podemos pensar, em sentido amplo, que a biografia de certos escritores encontra-se em seus livros, eles são a sua vida. E a experiência de escrever é o momento em que o escritor se sente mais vivo. Pode-se dizer, pois, que as formas poéticas contêm e expressam Borges, o seu espírito, os modos como conferiu coesão, ordem e beleza à sua existência.

Thomas Ogden, no livro *Conversations at the frontier of dreaming*³, se propõe a dialogar com Borges no momento em que vive o seu processo de luto. O título do capítulo é “Borges and the art of mourning” (“Borges e a arte do luto”), e nele o autor explora a idéia de que o luto não é apenas um processo de elaboração psíquica, mas, principalmente, a experiência de realizar ou construir algo, o empenho do sujeito em fazer alguma coisa que seja compatível e faça justiça ao que foi perdido. Talvez porque durante o processo criativo sentimos que o objeto perdido ou a experiência que se foi, estão sendo recriados simbolicamente no espaço ficcional. Nesta *conversação* que estou realizando com Borges, vou me restringir à prosa poética “Borges y yo”⁴ pelo fato de se prestar aos objetivos deste capítulo. A sua concisão permite transcrevê-la na íntegra:

Al otro, a Borges, es a quien le ocurren las cosas. Yo camino por Buenos Aires y me demoro, acaso ya mecánicamente, para mirar el arco de un zanguán y la puerta cancel; de Borges tengo noticias por el correo y veo su nombre en una terna de profesores o en un diccionario biográfico. Me gustan los relojes de arena, los mapas, la tipografía del siglo XVIII, las etimologías, el sabor del café y la prosa de Stevenson; el otro comparte esas preferencias, pero de un modo vanidoso que las convierte en atributos de un actor. Sería exagerado afirmar que nuestra relación es hostil; yo vivo, yo me dejo vivir, para que Borges pueda tramar su literatura y esa literatura me justifica. Nada me cuesta a confesar que ha logrado ciertas páginas válidas, pero esas páginas no me pueden salvar, quizá porque lo bueno ya no es de nadie, ni siquiera del otro, sino del lenguaje o la tradición. Por lo demás, yo estoy destinado a perderme, definitivamente, y solo algún instante de mí podrá sobrevivir en el otro. Poco a poco voy cediéndole todo, aunque me consta su perversa costumbre de falsear y magnificar. Spinoza entendió que todas las cosas

³ OGDEN, T. *Conversations at the frontier of dreaming*. London: Karnac Books, 2002.

⁴ Op. cit., p. 186.

quieren preservar en su ser; la piedra eternamente quiere ser piedra y el tigre un tigre. Yo he de quedar en Borges, no em mí (si es que alguien soy), pero me reconozco menos en sus libros que en muchos otros o que en el laborioso rasgueo de una guitarra. Hace años yo traté de librarme de él y pasé de las mitologías del arrabal a los juegos con el tiempo y con lo infinito, pero esos juegos son de Borges ahora y tendré que idear outras cosas. Así mi vida es una fuga y todo lo pierdo y todo es del olvido, o del otro.

No sé cuál de los dos escribe esta página.

“Borges e eu” foi escrito durante o momento em que Borges estava vivendo profundas perdas. No seu ensaio auto-biográfico escreveu que se lhe perguntassem qual o evento ou situação mais importante de sua vida, responderia que foi a biblioteca de seu pai, da qual raramente se afastava. Ele sempre foi um homem de letras, um pensador e escritor. De constituição frágil e portador de uma deficiência visual congênita, Borges diferenciava-se de grande parte de sua família dedicada à carreira militar. Ele se sentia envergonhado, não merecedor de amor; desagradava-lhe o fato de ser presenteado no seu aniversário, uma vez que nada fizera para merecer tal consideração. Aos trinta e seis anos, ainda morando na casa dos pais, foi nomeado bibliotecário de uma filial da Biblioteca Municipal de Buenos Aires. Não havia praticamente trabalho a realizar e os nove anos em que lá trabalhou foi um período infeliz que gerava um sentimento de futilidade. Borges escondia-se entre os livros escrevendo poesia e ensaios. Talvez fosse essa a sua maneira de fazer frente ao tédio na companhia imaginária de seus escritores queridos, como se eles fossem, em uma certa medida, o dínamo de sua criatividade, os andaimes de sua ruína interior.

O seu pai faleceu quando ele contava trinta e oito anos (fevereiro de 1938). Na véspera do Natal deste mesmo ano, Borges sofreu um acidente grave: provavelmente em virtude de sua deficiência visual, ao subir a escada da biblioteca em que trabalhava, feriu-se na testa ao colidir com a quina de uma janela recém pintada. O ferimento infectou, provocando septicemia, febre alta, alucinação e perda da capacidade de falar. Durante duas semanas ficou entre a vida e a morte. Ao recuperar-se, amedrontado com a possibilidade de ter perdido a capacidade de ler e de pensar imaginativamente, impôs-se a tarefa de escrever

algo que nunca escrevera até então e o resultado foi “Pierre Menard, autor de D. Quixote”, suas *ficções* conforme as designava.

Ogden sugere que este texto não apenas supera a produção borgiana anterior, mas principalmente inaugura um novo gênero literário que constitui o sinete de sua personalidade criativa, o seu estilo: sensibilidade refinada, texto compacto, intenso, semelhante à linguagem poética, imaginário densamente fantástico, na fimbria do sublime e do encantamento.

Augusto Meyer⁵ escreve que, ao criar o estilo, o escritor tenta aproveitar

o seu ritmo instintivo e orgânico na criação de um eu ideal; [...] há sempre diante dele, e no próprio impulso que lhe dita a frase, um regente a marcar compasso, um modelo interior e inatingível, que recua à proporção do seu avanço, indicando-lhe na brancura da página o rasto a seguir, o passo a acertar pelo seu passo. [...] O estilo é um faro fino, um ouvido apurado, uma segunda natureza e a intuição de um rumo certo.

O estilo, portanto, é uma superação de si mesmo para poder transmitir-se e viver; é, ainda segundo Meyer, o esforço do escritor na criação de um outro eu,

que fala uma linguagem ideal, não a sua algaravia cotidiana, feita de *clichés*, anacolutos, vícios de elipse e reticência [...]. O Autor transcende o homem, projeta-se no tempo, salta por cima de sua cova, com toda a vantagem de poder transformar-se em essência transmissível por meio da leitura e renascer indefinidamente.

Em muitos textos de Borges não sabemos se transitamos em uma dimensão de realidade factual ou onírica. Lemos este tipo de produção literária é um exercício de *devaneio*, ou seja, de permanermos em vigília, reflexivos, ao mesmo tempo que nos deixamos levar pelo som e pelo ritmo das palavras e das sentenças, pelas imagens que se constituem e se desdobram, até que o registro intuitivo da cognição realize um ato sintético de entendimento. Na companhia de Borges transitamos do caos para a forma viva, no processo de arrumação estética da realidade psíquica. Com ele, escritor, deslocamo-nos do horror abismal da

⁵ Augusto MEYER. O estilo é o homem. Em: *Textos críticos*, p.68

cegueira e da morte, do medo da falência da capacidade imaginativa para a região da criatividade literária.

Lendo-se “Borges y yo” percebemos que a voz poética é, simultaneamente, o Autor, Borges, e o personagem ficcional. O personagem / voz poética é uma invenção do Autor, ao mesmo tempo em que este é criado (trazido à existência) pelo personagem / voz poética. Como se Borges, Autor, se justificasse pela criação de sua obra e de seus personagens. Talvez possamos concluir que no ato de escrever ocorre a reflexão e o diálogo do autor consigo mesmo através de seu personagem, o outro Borges. É neste outro eu, o Borges escritor, uma transformação simbólica de si mesmo, que ele vai permanecer e ao qual cede, paulatinamente, o seu sopro de vida. Este Borges, ao cabo das contas, não pertence a ninguém, mas à linguagem e à tradição, fazendo parte daquele gabinete mágico onde se encontram, encantados, os melhores espíritos.

Na perspectiva de Ogden, o escritor, e não “Borges”, é que tem uma voz e, portanto, o potencial para se tornar vivo e permanente através da linguagem. O outro chamado Borges é mudo, uma pessoa comum, cotidiana, desconectado do ato de falar, que anda pelas ruas de Buenos Aires e para mecanicamente para observar o pórtico e o portão de ferro de um prédio. Um alguém que gosta de mapas antigos, de relógios de areia e da prosa de Stevenson; alguém que está sendo pensado pelo escritor e se tornando presente, no instante da criação poética, em um movimento circular de morte e renascimento.

A cegueira adveio-lhe em 1955. Ele não podia mais escrever, reescrever, ver as palavras e sentenças na página como frases que se sucedem e se interpenetram, tecendo, arquitetonicamente, uma espécie de labirinto ficcional que o envolvia no centro de intensos mistérios. Ele aprendeu, lentamente, a compor textos de memória e depois dita-los à sua mãe ou a alguma pessoa generosa. “Borges y yo” foi publicado em 1957 e nele sentimos o tom doloroso e nostálgico de uma lenta despedida. Em “Poema de los dones”, estampado logo a seguir de “Borges y yo” nas *Obras completas*, o poeta nos fala de sua dor e ressentimento; ouçamo-lo:

Nadie rebaje a lágrima o reproche
esta declaración de la maestría
de Dios, que com magnífica ironía
me dio a la vez los libros y la noche.

De esta ciudad de libros hizo dueños
a unos ojos sin luz, que sólo pueden
leer en las bibliotecas de los sueños

[...]

De hambre y de sed (narra una historia griega)
muere um rey entre fuentes y jardines;
yo fatigo sin rumbo los confines
de esa alta y honda biblioteca ciega.

[...]

Al errar por las lentas galerias
suelo sentir com vago horror sagrado
que soy el otro, el muerto, que habrá dado
los mismos pasos en los mismos días.

?Cuál de los dos escribe este poema
de un yo plural y de una sola sombra?

[...]

Quem escreve, dita o poema, é Borges, o escritor, que permanecerá neles, iluminado, com seus olhos sem luz errando pela biblioteca de seus sonhos. Afinal, a natureza de Borges é a de um escritor / criador, como a de um tigre, um tigre. O espaço ficcional é o lugar onde ele vive, a dimensão estética na qual encontrou e desenvolveu recursos criativos (poemas, contos, ensaios) que sustentassem e justificassem a sua existência. “Borges y yo” é a expressão poético-psicológica desse processo criador.

A seguir, na parte II, vamos acompanhar a transformação da *palavra-coisa* em *representação-palavra*, a linguagem evoluindo do plano emocional (linguagem emocional) para a dimensão proposicional e metafórica. Veremos, ainda, os modos como as formas simbólicas estudadas por Ernst Cassirer, conferem ordem e vitalidade ao texto poético.